

O BRASILEIRO É NOSSO!

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Com este mesmo título, a inteligente e generosa mulher que costuma ser Raquel de Queiroz escreveu n' "A Cigarra", de março, uma crônica ou uma reportagem enriquecida com profusa documentação fotográfica para provar que, em vez de mandar buscar fofo imigrantes de olhos azuis, o Brasil deve cuidar melhor das pobres crianças de olhos castanhos que os paus de arara despejam nas capitais como quem despeja lixo. Depois de apontar nossas miserias e de causar a incuria de nossos dirigentes, a pena fremente da grande escritora traça as seguintes frases: "O Governo não dá o menor valor a essa caboclada tonta, que vem chatear por aqui, em vez de morrer de fome, direitinho, nas hre-nhas onde nasceu. Não, o Governo tem o máximo interesse em povoar o Brasil, em colonizar o Brasil — mas por estrangeiros, por gente de pele alva e cabelo louro, que tome o lugar da molecada indesejável. Alguma verbinha que haja ninguém é tolo para gastá-la com elemento nacional — isso é bom para ir formigar as favelas, ou morrer à mingua em beira de estrada Dinheiro, o pouco que tem é para passagem de avião para os pobrezinhos húngaros, tão desajustados, coitadinhos; e para todo o demais rebotalho dos campos de concentração internacionais." E termina sua reportagem com uma paráfrase do Duque de Caxias: — "Respondam-se os que forem brasileiros!"

Respondo eu, apesar de ter tido os cabelos alourados antes de t-los brancos; e respondo para dizer que desta vez, lamentavelmente, Raquel de Queiroz não foi inteligente nem generosa. Seu trabalho tem a meu ver uma enorme infelicidade, por parecer verdadeiro e sobretudo por corresponder, desculpe-me a autora que muito respeito, a certo tipo de bobagem nacional que acabará com o Brasil mais depressa do que a saúva. O defeito principal do artigo é a falta de lógica. Partindo de uma premissa verdadeira, miséria de nossa gente do campo, conclui a escritora, com o desembaraço habitual da lógica feminina, que deve ser feita a recuperação de nossa gente "em vez" da imigração. Ora, todos os brasileiros patrióticos e generosos que se interessaram pela colocação da política imigratória,

como por exemplo José Fernando Carneiro, que é conterrâneo de Raquel e que não tem olhos azuis nem cabelo louro, ou como José Artur Rios, que já leva a desvantagem de ter pele mais alva — todos os que seguem as diretrizes de um Norman Angell ou de um Pio XII desejam incentivar as correntes imigratórias por diversos motivos, entre os quais, no que toca o pungente caso brasileiro, merece especial menção o papel que o imigrante estrangeiro pode representar na recuperação do homem nacional. Entre outras coisas, é para a recuperação de nosso homem do campo que nós precisamos de imigrantes. Essa é a nossa convicção, e como abundantemente demonstra Fernando Carneiro ("Catolicismo, Revolução e Reação", Agir, 1947; "Imigração e Colonização do Brasil", publicação avulsa n.º 3 da Faculdade Nacional de Filosofia, 1950, os fatos confirmam tal convicção.

Antes de prosseguir, devo dizer que não tenho opinião formada a respeito do recente episódio, relativo aos emigrantes húngaros, que emocionou a opinião pública. Não me espantaria muito se alguém me provasse que nesse caso concreto houve falta de discernimento do INIC. Não sei eu quem esteja obrigado a defender a orientação de um departamento dirigido por um integralista. Não sei se houve erro. Mas se houve, não é assim como fez Raquel de Queiroz que deve ser apontado o erro. Não é assim, com incriminação de todo o processo imigratório, com universalização do caso particular, em termos de nativismo e de jacobinismo estensivo, que deve ser denunciado o erro do INIC. Ao contrário — se erro houve — era preciso dizer que seu maior inconveniente era o de desmoralizar um indispensável e preciso instrumento de nosso desenvolvimento e de nosso progresso.

Deixando o caso particular e voltando a colocação mais universal do problema, recomendo insistentemente ao leitor os citados trabalhos de Fernando Carneiro, onde verá que dez anos atrás já existia a infeliz colocação que hoje se paramenta com os talentos de Raquel de Queiroz. Eis o que dizia Carneiro na página 226 de seu livro "Catolicismo, Revolução e Rea-

ção": "Está claro, é óbvio, que uma política imigratória generosa não exclui e até exige a adoção de uma política complementar em muitos outros terrenos, correspondente aos variados problemas pedagógicos, sanitários, culturais e políticos que inevitavelmente surgem como corolários da presença de imigrantes num país em formação. E aí está onde as águas se dividem. Uma mentalidade nativista, estreita, tacaanha, sem animo para enfrentar, com largueza de vistas, com generosidade, e com as virtudes fundamentais da fé, da esperança e do amor, esses problemas propostos, acha melhor impedir a entrada de imigrantes, enterrando-se com toda a sorte de restrições e de subterfúgios. Esses querem guardar o Brasil para os brasileiros, e não percebem que, exatamente, estão fazendo mal ao Brasil; que o nosso interesse é o de chamar mais gente para o Brasil, para a miscigenação nacional." Mais adiante, e para ilustrar aquela mentalidade, cita a frase do sr. Castro Barreto: "A criança é o melhor imigrante." E a seguir explica: "Quando pleiteamos uma política de portas abertas à imigração, não queremos, de forma alguma, seja esquecida, por um minuto sequer, a sorte da criança brasileira. Nem queremos que se deixe ao abandono o trabalhador rural brasileiro. Pelo contrário. Muito pelo contrário. Acreditamos porém que a introdução de grandes levadas de imigrantes trará à layoura, à produção e à indústria benéficos resultados, e virá consequentemente nos proporcionar recursos muito maiores para a grande obra de assistência e de instrução que a situação do país está a reclamar. Acreditamos também que a presença, no nosso meio, de imigrantes vindos de países mais cultos da Europa terá uma influência salutar em muitos hábitos das populações nacionais. Hábitos de conforto. Métodos de trabalho. Sistemas de construir casas. Diversões, música e alimentação."

Voltando aos húngaros que andaram pondo em alvoroço a Ilha das Flores, e embora sem tomar posição no merito da questão, por falta de dados, atrevo-me a acrescentar à enumeração de Fernando Carneiro um benefício que os imigrantes nos podem trazer: o hábito ativo de reclamar, de reivindicar os direitos, de exigir o cumprimento das promessas. Torno a dizer pela quarta vez que não sei aquilatar exatamente o valor humano dos húngaros da Ilha das Flores; mas sei que outros húngaros, muito recentemente, deram com a vida e o sangue um admirável exemplo ao mundo; e sei também, por crença na universal solidariedade dos humanos problemas, que o sacrifício deles foi um serviço prestado aos nossos pobres sertanejos; e concluo que é particularmente infeliz a classificação de "rebotalho dos campos de concentração internacionais" que lhes deu nossa grande escritora. Ignorará Raquel de Queiroz que os melhores homens do mundo estiveram em campos de concentração, e que os piores homens do mundo foram algozes desse rebotalho?

Venham, pois, os estrangeiros, não somente para nos ensinar como se deve plantar o tomate, mas também para incutir em nossa gente o gosto pelas justas reivindicações. "O Brasil precisa de imigrantes. Se não tivermos medo de ser grandes, se estivermos dispostos a crescer, a trabalhar, a transformar o Brasil numa pátria saudável, laboriosa, culta e rica, esses imigrantes serão rapidamente assimilados. Os seus filhos orgulhar-se-ão de ser brasileiros. O medo dos "quistos raciais" é um medo de homens timoratos. Medo de quem julga o Brasil fraco demais. De quem não crê no desenvolvimento do país." E com essas palavras do cearense Fernando Carneiro termino hoje o que tenho a responder à cearense Raquel de Queiroz. Mas não encerro o assunto, pois ainda tenho alguma coisa a dizer a respeito dos múltiplos motivos que nos levam a pugnar por uma política imigratória generosa. Um deles, de que nos ocupamos hoje, é o próprio interesse do Brasil, o próprio interesse das populações abandonadas. Os fatos provam, abundantemente, que há progresso no Brasil onde maior foi a afluência de imigrantes. Eles não vêm tomar o lugar dos nossos, como parece a quem não medita mais cuidadosamente no assunto: eles vêm, ao contrário, vivificar a nossa cultura. Há, porém, outros motivos de que nos ocuparemos na semana que vem.